

COMO SE FABRICA UM ANTROPÓLOGO? FORMAÇÃO, ETNOGRAFIA E INTERIORIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO CEARÁ

How is an anthropologist made? Training, ethnography, and the expansion of the social sciences into ceará's interior

¿cómo se fabrica un antropólogo? Formación, etnografía e interiorización de las ciencias sociales en ceará

Data de recebimento: 30/06/2026

Data de publicação: 30/07/2026

Francisco Gleidson Vieira dos Santos¹

RESUMO

Este ensaio reflete sobre a formação de um pesquisador em antropologia a partir da experiência vivida no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no início dos anos 2000. Longe de constituir um exercício meramente memorialístico, o texto busca compreender as condições institucionais, intelectuais e etnográficas que tornaram possível a constituição de um olhar antropológico em uma universidade pública situada no interior do Ceará. Partindo de uma reflexão sobre o espanto como condição do conhecimento antropológico, argumento que a formação do pesquisador resulta da articulação entre experiência universitária, trabalho de campo, encontros etnográficos e deslocamentos intelectuais vividos ao longo da graduação, do mestrado e do doutorado. Ao celebrar os vinte e cinco anos do curso de Ciências Sociais da UVA, o artigo procura reconhecer a contribuição da instituição para a formação de pesquisadores e para a consolidação da produção antropológica no interior do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: formação antropológica. etnografia. interiorização das ciências sociais. Universidade Estadual Vale do Acaraú. trajetória intelectual.

ABSTRACT

This essay reflects on the formation of an anthropologist based on the experience of studying in the Social Sciences program at the State University of Vale do Acaraú (UVA) in the early 2000s. Far from being limited to a purely memoiristic exercise, the text seeks to understand the institutional, intellectual, and ethnographic conditions that made possible the formation of an anthropological gaze at a public university located in the interior of Ceará. Starting from a reflection on wonder as a

¹ Doutor e mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especialista em Educação Comunitária e Saúde pela Escola de Saúde Pública do Ceará e graduado em Ciências Sociais (bacharelado) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). É professor adjunto do Curso de Ciências Sociais e docente permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) – UVA. Desenvolve pesquisas nas áreas de antropologia da religião, gênero, sexualidade, saúde, prostituição, experiências religiosas, HIV/aids e processos de subjetivação. E-mail: gleidson_vieira@uvanet.br <https://orcid.org/0000-0001-5816-767X>

condition of anthropological knowledge, I argue that the researcher's formation results from the articulation between university experience, fieldwork, the encounters produced by ethnography, and the intellectual displacements experienced throughout undergraduate, master's, and doctoral studies. In celebrating the twenty-fifth anniversary of UVA's Social Sciences program, the essay seeks to recognize the institution's contribution to the training of researchers and to the consolidation of anthropological knowledge production in the interior of Brazil's Northeast.

Keywords: anthropological training. ethnography. expansion of the social sciences. State University of Vale do Acaraú. intellectual trajectory.

RESUMEN

Este ensayo reflexiona sobre la formación de un antropólogo a partir de la experiencia vivida en el curso de Ciencias Sociales de la Universidad Estatal Vale do Acaraú (UVA), a comienzos de la década de 2000. Lejos de reducirse a un ejercicio memorialístico, el texto busca comprender las condiciones institucionales, intelectuales y etnográficas que hicieron posible la constitución de una mirada antropológica en una universidad pública situada en el interior de Ceará. Partiendo de una reflexión sobre el asombro como condición del conocimiento antropológico, sostengo que la formación del investigador resulta de la articulación entre la experiencia universitaria, el trabajo de campo, los encuentros producidos por la etnografía y los desplazamientos intelectuales vividos a lo largo de los estudios de grado, maestría y doctorado. Al celebrar los veinticinco años del curso de Ciencias Sociales de la UVA, el ensayo reconoce la contribución de la institución a la formación de investigadores y a la consolidación de la producción antropológica en el interior del Nordeste brasileño.

Palabras clave: formación antropológica. etnografía. interiorización de las ciencias sociales. Universidad Estatal Vale do Acaraú. trayectoria intelectual.

O ESPANTO COMO PRINCÍPIO

Em seu conhecido ensaio sobre o ofício do antropólogo, Roberto Cardoso de Oliveira (1996) distingue o olhar, o ouvir e o escrever como momentos decisivos da produção do conhecimento antropológico. Essa reflexão ajuda a compreender que a formação na disciplina não consiste apenas em acumular teorias ou dominar procedimentos. Ela implica aprender a interrogar aquilo que parecia evidente, deixando que o familiar volte a causar espanto (Oliveira, 2003).² Tomo aqui o espanto não como reação ao extraordinário, mas como o instante em que uma realidade antes naturalizada passa a exigir compreensão. Antes de produzir respostas, a antropologia ensina a formular perguntas.

² Roberto Cardoso de Oliveira retoma de Heidegger a noção de “espanto” para pensar o conhecimento antropológico. Não se trata de uma surpresa passageira diante da alteridade, mas da capacidade de converter o encontro com o outro em estranhamento de si e da própria disciplina. Ao interrogar as categorias, tradições e modos de conhecer que orientam seu olhar, o antropólogo reconhece que conhecer o outro e conhecer-se são dimensões inseparáveis da experiência etnográfica. O espanto torna-se, assim, uma disposição reflexiva que alimenta a boa etnografia e mantém a antropologia em permanente interrogação sobre seus próprios fundamentos (Oliveira, 2003).

Durante muito tempo imaginei que minha trajetória como antropólogo tivesse começado quando ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Hoje compreendo que a universidade não inaugurou minhas inquietações. Ela lhes ofereceu linguagem, método, interlocução e rigor intelectual. As perguntas já existiam, ainda que de forma difusa. Faltava-lhes uma disciplina capaz de transformá-las em problemas de investigação.

Muito antes de conhecer Franz Boas, Bronislaw Malinowski, Margaret Mead, Zora Neale Hurston, Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz ou o próprio Roberto Cardoso de Oliveira, alguns universos sociais já despertavam em mim uma curiosidade persistente. Embora distantes de minha experiência cotidiana, a Umbanda, os Exus e as Pombas-Giras, a prostituição e seus personagens faziam-se presentes por meio de discursos estigmatizantes, temores compartilhados e conversas sussurradas. Naquele momento, porém, eu ainda não possuía instrumentos para compreender por que tais experiências me provocavam tamanho fascínio. Existia apenas um sentimento de estranhamento diante de realidades que pareciam simultaneamente próximas e desconhecidas.

O ingresso na universidade modificou profundamente essa percepção. Descobri que a antropologia não oferecia apenas respostas para perguntas previamente formuladas; ela ensinava outra maneira de perguntar. Aprendi que aquilo que o senso comum frequentemente classificava como superstição, desvio, marginalidade ou exotismo podia constituir um campo privilegiado para compreender processos sociais muito mais amplos. O mundo deixava de ser apenas vivido para tornar-se também objeto de reflexão.

Não escrevo este ensaio como um memorial acadêmico. Tampouco pretendo reconstruir cronologicamente minha trajetória. Meu interesse é outro. Ao revisitar os primeiros anos de formação, procuro compreender como uma universidade pública situada no interior do Ceará participou da constituição de um pesquisador em antropologia e, ao fazê-lo, integrou um movimento mais amplo de interiorização das Ciências Sociais brasileiras.

A escolha do verbo *fabricar*, presente no título deste artigo, é deliberada. Ela procura deslocar qualquer interpretação fundada exclusivamente na ideia de vocação individual. Antropólogos não nascem prontos. São produzidos lentamente por encontros, leituras, professores, instituições, colegas, experiências de campo, interlocutores e sucessivos deslocamentos intelectuais. Cada pesquisa modifica discretamente aquele que pesquisa. Cada trabalho de campo reorganiza perguntas anteriormente consideradas consolidadas. Cada escrita obriga o pesquisador a compreender de outra maneira aquilo que julgava conhecer. É justamente esse processo que procuro discutir nas páginas seguintes.



APRENDER A OLHAR: A UNIVERSIDADE E A DESCOBERTA DA ANTROPOLOGIA

Quando ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú, imaginava que a antropologia fosse uma disciplina voltada para sociedades distantes. Os exemplos mais conhecidos provinham de povos indígenas, comunidades tradicionais ou contextos etnográficos geograficamente afastados da realidade em que eu vivia. Aos poucos, porém, essa percepção começou a transformar-se.

As primeiras disciplinas revelaram que a alteridade não depende da distância geográfica. Ela pode surgir no interior da própria cidade, nos espaços que atravessamos cotidianamente sem realmente conhecê-los, nas práticas religiosas presentes ao nosso redor, nos personagens que compartilhavam o mesmo espaço urbano e que, apesar disso, permaneciam invisíveis ao olhar ordinário. Aprender antropologia significava aprender a estranhar o familiar.

Essa descoberta alterou profundamente minha maneira de compreender a própria cidade de Sobral, município localizado no interior do Ceará, sede da Universidade Estadual Vale do Acaraú, lugar onde, até então, eu havia vivido a maior parte da minha vida. As ruas, os bairros, os cabarés, os terreiros, as praças e seus diferentes personagens deixaram de constituir apenas cenários da vida cotidiana para se transformarem em possibilidades concretas de investigação antropológica. O distante, compreendi então, podia estar surpreendentemente próximo.

Foi também nesse período que compreendi o papel desempenhado pelos professores e professoras na formação de um pesquisador. Aqui, gostaria de mencionar um professor e três professoras da graduação que, cada qual a seu modo, contribuíram significativamente para a minha formação.

Nilson Almino de Freitas foi meu primeiro professor de Antropologia. Participou da banca de defesa do meu trabalho de conclusão da graduação e, quando retornei a Sobral e à Universidade Estadual Vale do Acaraú, tornou-se meu supervisor em uma pesquisa financiada pelo CNPq e pela Funcap, por meio da bolsa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional — DCR.

Isaurora Martins foi minha primeira professora de Sociologia e orientadora de Iniciação Científica, tendo sido responsável por me introduzir no trabalho de campo.



Com Éva Sebestyén, antropóloga húngara e professora visitante, compreendi a centralidade do trabalho de campo no ofício do antropólogo. Em sua companhia, ingressei em inúmeros terreiros da cidade de Sobral, estabeleci relações e construí um campo no qual ainda hoje trânsito livremente.

Simone Simões, também professora visitante e entusiasta da observação participante, orientou a pesquisa que desenvolvi como requisito para a conclusão do bacharelado em Ciências Sociais. Com ela, construí também uma grande amizade, que ampliou minha formação para além da sala de aula, proporcionando-me excelentes conversas sobre Antropologia na varanda e na cozinha de sua casa, bem como nas mesas dos bares.

Mais do que transmitir conteúdos, esses professores e professoras me apresentaram uma forma específica de olhar para o mundo social. Algumas de suas aulas permanecem vivas em minha memória não apenas pelas teorias discutidas, mas porque modificaram definitivamente minha percepção acerca daquilo que poderia ser considerado um objeto legítimo de investigação antropológica. Descobri, assim, que nenhuma realidade social era pequena demais para despertar o interesse da disciplina.

A iniciação científica surgiu, nesse contexto, como prolongamento natural desse processo de formação. Pela primeira vez, a antropologia deixava de existir apenas nos livros para transformar-se em prática de pesquisa. O trabalho de campo aproximava-se, e com ele surgia a possibilidade de experimentar concretamente aquilo que até então conhecia apenas pela leitura dos clássicos da disciplina.

Entretanto, eu ainda não sabia que o campo modificaria muito mais do que meu objeto de pesquisa. Ele começaria, discretamente, a transformar também a maneira como eu próprio compreendia o conhecimento antropológico.

APRENDER A ESCUTAR: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE CAMPO

A iniciação científica marcou uma inflexão decisiva em minha formação. Se a universidade havia me ensinado a formular perguntas, o campo começou a mostrar que elas raramente permanecem as mesmas depois do encontro com aqueles que aceitam compartilhar conosco suas experiências. A antropologia deixava de ser apenas um conjunto de conceitos para tornar-se experiência vivida, na qual teoria e pesquisa se transformam mutuamente (Peirano, 1995; 2006).

O interesse inicial pela prostituição, desenvolvido no projeto de iniciação científica “Os lugares e práticas da prostituição no município de Sobral³”, conduziu-me a um problema que eu não havia previsto. Durante o trabalho de campo, referências à Pomba-Gira, aos Exus, às consultas espirituais e aos terreiros de Umbanda apareciam recorrentemente nas narrativas das interlocutoras. Aos poucos, tornou-se evidente que seria impossível compreender aquele universo sem conhecer a lógica religiosa que atravessava parte significativa dessas experiências. Assim, quando Éva Sebestyén, ao ministrar a disciplina de Antropologia Africana propôs, como exercício empírico, conhecer as religiões de matriz africana presentes na cidade, pude seguir uma das pistas abertas pelo campo da prostituição e observar pessoalmente, nos terreiros de Umbanda, elementos que já apareciam nas narrativas de minhas interlocutoras.

Antes de compreender a presença da “Pomba-Gira no imaginário das prostitutas⁴”, era necessário saber quem ela era para os participantes do universo religioso afro-brasileiro. Em outras palavras, antes de interpretar a circulação social da entidade, eu precisava compreender sua posição na cosmologia umbandista.

Essa decisão metodológica produziu um dos momentos mais importantes de minha formação antropológica. Recordo a primeira vez que participei de um ritual público de Umbanda, no Terreiro Rei Sibamba, conduzido por Dona Branca, uma senhora pequena e franzina, de longos cabelos. Para alcançar o quintal onde o ritual acontecia, era necessário atravessar um corredor estreito no qual se encontrava o congá. Sobre uma mesa, acumulavam-se estatuetas de santos e entidades, velas coloridas, fitas, fotografias e colares. Aquele conjunto formava, aos meus olhos, um verdadeiro labirinto de símbolos. Respirei fundo e atravessei o corredor sem encarar o altar. Embora pequeno, naquele momento ele me parecia gigantesco. Já no quintal, procurei permanecer distante, protegido pela quantidade de pessoas reunidas. Uma médium, percebendo minha apreensão, segurou minha mão e disse: “Tenha medo não, rapaz. Se você cair, eu lhe levanto”. Em

³ O projeto de iniciação científica Lugares e práticas da prostituição no município de Sobral, coordenado pela professora Isaurora Martins, buscava compreender a dinâmica da prostituição na cidade mediante o mapeamento dos principais pontos em que a atividade ocorria e a caracterização das práticas presentes nesses espaços. Em uma de suas etapas, durante seis meses, realizamos, em média, duas visitas semanais aos postos de gasolina Brasil e Trevo, onde aplicamos questionários e entrevistamos prostitutas e uma travesti. A pesquisa resultou na apresentação de três trabalhos: “Lugares e práticas da prostituição no município de Sobral”, no III Encontro de Iniciação Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú; “Mulheres de posto: fim de linha na atividade prostitutiva?”, no VII Encontro de Antropólogos do Norte e Nordeste, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, ambos em 2001; e “No trilho das travas: entre o arco-íris e as trevas”, no IV Encontro de Iniciação Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em 2002 (Santos, 2001a, 2001b, 2002).

⁴ Defendida em 2006 no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú, sob a orientação de Simone Simões Ferreira Soares, a monografia investigou as relações entre prostitutas e a Pomba-Gira em Sobral. Com base em trabalho de campo realizado em terreiros de Umbanda e espaços de prostituição, buscou compreender os sentidos atribuídos à Pomba-Gira pelas interlocutoras e as formas pelas quais elas se relacionavam e negociavam com a entidade.

seguida, conduziu-me para perto da mãe de santo e me acomodou ao lado do tambor. Permaneci ali durante toda a sessão, com a respiração alterada, e só relaxei quando o ritual terminou.

Hoje percebo que esse primeiro contato dizia tanto sobre mim quanto sobre o universo religioso que eu pretendia investigar. Os receios que levava ao campo eram resultado de uma formação social compartilhada por grande parte da sociedade brasileira, marcada por representações estigmatizadas das religiões afro-brasileiras. A antropologia começava justamente quando esses pressupostos deixavam de orientar automaticamente meu olhar.

Depois de frequentar diferentes terreiros, familiarizar-me com aquele universo religioso e ser gradualmente reconhecido por seus participantes, decidi investigar a intersecção entre prostituição e Umbanda em meu trabalho de conclusão de curso. Passei, então, a entrevistar mães e pais de santo de Sobral. As conversas tinham um objetivo aparentemente simples: compreender empiricamente a Umbanda, sua cosmologia, suas entidades, as diferenças entre linhas espirituais, a posição ocupada pelos Exus e pelas Pombas-Giras, os processos de incorporação, as formas de iniciação e as categorias mobilizadas pelos próprios praticantes para explicar seu universo religioso (Santos, 2006).

Rapidamente, porém, compreendi que entrevistar não significava apenas formular perguntas. Significava aprender a escutar. Cada encontro reorganizava o roteiro previamente elaborado. Perguntas que eu considerava fundamentais perdiam importância diante das narrativas produzidas pelos interlocutores; outras surgiam durante a conversa e revelavam aspectos jamais previstos no projeto inicial. Aos poucos, percebi que compreender uma cosmologia exigia muito mais do que recolher informações: exigia acompanhar a maneira como aquele universo era organizado pelos próprios sujeitos que o habitavam.

Essa aprendizagem modificou profundamente minha compreensão da entrevista antropológica. Ela deixou de ser um instrumento de coleta de dados para tornar-se uma relação social. Não havia neutralidade possível naquele encontro. Eu chegava ao terreiro com minhas perguntas, mas também com minhas categorias, expectativas e limitações. Mães e pais de santo, por sua vez, não apenas respondiam ao que lhes era perguntado; frequentemente reorganizavam as próprias bases sobre as quais minhas perguntas haviam sido formuladas.

Foi talvez nesse momento que comecei a compreender uma das especificidades da antropologia. O pesquisador não leva ao campo um conjunto definitivo de categorias destinadas a explicar a realidade observada. Ao contrário. O campo obriga continuamente o pesquisador a rever

suas categorias, a reformular hipóteses e a reconhecer que a inteligibilidade do mundo social depende também da disposição para aprender com aqueles que dele participam.

As entrevistas revelavam que Exus e Pombas-Giras ocupavam posições muito mais complexas do que aquelas difundidas pelo imaginário social. Não eram personagens marginais de uma cosmologia religiosa. Constituíam formas específicas de compreender o corpo, a sexualidade, a proteção, a justiça, o desejo, o sofrimento e as relações entre diferentes dimensões da existência. Aos poucos, compreendi que estudar a Umbanda significava também aprender outra maneira de pensar a experiência humana.

Esse aprendizado repercutiu diretamente na pesquisa sobre prostituição. À medida que eu compreendia melhor a cosmologia umbandista, tornava-se possível reconhecer que as referências religiosas presentes nas narrativas das prostitutas não constituíam elementos secundários. Participavam ativamente da produção de sentidos sobre suas trajetórias, relações afetivas, conflitos cotidianos e estratégias de enfrentamento da vida social.

O campo, entretanto, produzia outro efeito igualmente importante. Enquanto procurava compreender meus interlocutores, passava também a reconhecer minhas próprias categorias de percepção. Muitos dos estranhamentos inicialmente atribuídos ao universo pesquisado pertenciam, na verdade, ao pesquisador. A etnografia transformava-se, assim, em exercício permanente de reflexividade.

Somente anos mais tarde, ao reler Roberto Cardoso de Oliveira e Mariza Peirano, compreendi que aquela experiência não era apenas pessoal. Ela remetia a uma dimensão central da formação antropológica: o trabalho de campo produz conhecimento sobre outras formas de vida, mas também submete o olhar do pesquisador a dúvidas e deslocamentos. Disciplinados pela formação teórica, o olhar e o ouvir orientam a aproximação do antropólogo ao campo; no encontro etnográfico, contudo, suas categorias podem ser desafiadas, levando-o a reformular as próprias perguntas (Oliveira, 1996, p. 15-21; Peirano, 1995, p. 41-43).

Talvez essa tenha sido a principal herança das primeiras experiências do trabalho de campo, da observação participante, daquelas primeiras entrevistas. Não apenas forneceram o material empírico que deu origem à minha monografia; participaram da constituição de uma maneira de fazer antropologia que continuaria orientando minhas pesquisas. Aprendi que nenhuma boa etnografia nasce da mera confirmação de hipóteses previamente estabelecidas. Ela nasce quando permitimos que nossos interlocutores nos conduzam a perguntas que ainda não sabíamos formular.

Ao revisitar hoje o material produzido naquele período, dados e monografia, passados mais de vinte anos, percebo que possuem um duplo valor. São documentos importantes para compreender a Umbanda em Sobral naquele momento histórico, mas são também registros de um processo de aprendizagem. Documentam menos um pesquisador que já sabia fazer antropologia do que alguém que começava, lentamente, a aprender a escutar.

DESLOCAMENTOS E RETORNOS: A FORMAÇÃO CONTINUA

Ao concluir a graduação, imaginava que a pesquisa realizada em Sobral constituía o encerramento de um primeiro ciclo de formação. Hoje compreendo que ela representava apenas o início de um percurso intelectual continuamente reconfigurado pelos diferentes campos etnográficos que eu viria a percorrer. Se a iniciação científica havia me ensinado a formular perguntas e a escutar meus interlocutores, os anos seguintes mostrariam que a formação antropológica se prolonga muito além da universidade onde começa.

O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco constituiu um novo momento dessa trajetória. Deixar Sobral significou também deslocar o próprio olhar. O contato com outras tradições intelectuais, novas referências bibliográficas e diferentes interlocutores ampliou significativamente o horizonte das questões que até então orientavam minhas pesquisas. Aqui, para não dar margem a uma leitura meritocrática da minha trajetória, faz-se necessário chamar a atenção para uma questão importante: da pré-escola ao doutorado, contei com o apoio emocional e financeiro dos meus pais.

Foi também nesse período que compreendi algo que permaneceria decisivo para toda a minha produção posterior: mudar de campo não significa necessariamente abandonar as perguntas que nos constituem como pesquisadores.

A pesquisa de mestrado voltou-se para as experiências religiosas de mulheres prostitutas na cidade do Recife (PE). À primeira vista, tratava-se de um objeto distinto daquele investigado durante a graduação. Entretanto, o trabalho de campo logo revelou continuidades que eu próprio ainda não havia percebido. Permanecia o interesse pelas relações entre religião, moralidade, sexualidade e produção de sentidos para a experiência vivida. Permanecia, sobretudo, a tentativa de compreender sujeitos frequentemente situados nas margens das classificações morais dominantes.

Quando cheguei ao Recife, em 2008, para cursar o mestrado em Antropologia, a possibilidade de viver o cotidiano de uma grande metrópole me encheu de entusiasmo. Vindo do

interior do Ceará, sentia-me diante de um universo marcado pela intensidade da vida urbana, pela diversidade sociocultural e, particularmente, pela força da cultura afro-pernambucana. Caminhar pelas ruas tornou-se uma forma de observar a cidade. Atento às pessoas, aos lugares, às peculiaridades linguísticas e às formas de interação, transformava meus deslocamentos em exercícios de estranhamento.

Meu primeiro encontro com aquele que se tornaria o novo campo aconteceu de maneira inesperada. Havia chegado há pouco tempo e ainda não sabia transitar pelos labirintos da cidade. Uma colega do mestrado combinou de me encontrar na Praça do Diário para, em seguida, irmos ao Recife Antigo. Cheguei alguns minutos antes, sentei-me e acendi um cigarro. Pouco depois, uma mulher se aproximou e pediu-me um cigarro. Após acendê-lo, perguntou: “Vamos fazer um amorzinho?”. Respondi que aguardava uma amiga, mas, movido pelos interesses de pesquisa que trazia da graduação, perguntei se ela trabalhava ali. Sua resposta foi imediata: “Batalho aqui!”

Aquele encontro acionou minha curiosidade investigativa. Eu estava habituado aos cabarés e à prostituição noturna de Sobral, mas ainda não havia me deparado com mulheres que exerciam a prostituição durante o dia, em uma praça situada no coração da cidade. Tive, então, a impressão de que a temática continuava a me perseguir. Mais tarde, a Praça do Diário se tornaria o espaço central da pesquisa, e aquele encontro aparentemente casual revelaria um campo no qual religião, sexualidade, moralidade e formas de habitar a cidade voltariam a se entrecruzar (Santos, 2010, p. 44-45).

A mudança de cidade não produziu apenas novos interlocutores; produziu também novas perguntas. O trabalho etnográfico mostrava, mais uma vez, que nenhuma pesquisa permanece idêntica ao projeto inicialmente elaborado. Cada campo possui sua própria capacidade de surpreender o pesquisador e de reorganizar os problemas que orientam a investigação.

Alguns anos mais tarde, um novo deslocamento conduziu-me ao doutorado e, depois, ao trabalho de campo em São Paulo. Mais uma vez, o objeto empírico parecia radicalmente diferente. A pesquisa voltou-se para homens vivendo com HIV e para as formas de socialidade produzidas em contextos de práticas sexuais *bareback*. Entretanto, ao observar retrospectivamente esse percurso, torna-se difícil não reconhecer certa coerência entre os diferentes momentos da trajetória.

Mudaram os contextos. Mudaram os interlocutores. Mudaram os referenciais teóricos. Mas algumas perguntas permaneceram. Continuava interessado em compreender como sujeitos produzem sentidos para suas experiências, elaboram formas de pertencimento e constroem modos

de existência em situações frequentemente atravessadas pelo estigma, pela diferença e pela produção social de moralidades.

Foi apenas recentemente, ao reler a monografia, a dissertação e a tese, que essa continuidade se tornou plenamente visível. Durante muito tempo, imaginei que minha trajetória pudesse ser descrita como uma sucessão de objetos de pesquisa. Hoje penso diferente. Os objetos se modificaram porque o mundo também se modificou e porque novas experiências etnográficas abriram possibilidades antes inexistentes. O que permaneceu relativamente constante foram as perguntas. De que maneira a sexualidade - articulada à religião, ao gênero, à moral, à saúde, a doença e às tecnologias -, constitui sujeitos e produz formas específicas de vida social?

Talvez uma trajetória intelectual se organize menos pelos temas que investiga do que pelas inquietações que insiste em formular ao longo do tempo.

Essa percepção ajuda também a compreender o significado do retorno à Universidade Estadual Vale do Acaraú. Depois da formação realizada em Recife e das pesquisas desenvolvidas posteriormente em São Paulo, retornar à instituição onde havia iniciado minha trajetória, agora como professor efetivo do curso de Ciências Sociais, produziu uma experiência difícil de descrever apenas em termos profissionais.

Tratava-se, evidentemente, de assumir responsabilidades docentes, desenvolver projetos de pesquisa, orientar estudantes e participar da consolidação de um curso que ocupa lugar importante na formação regional. Mas havia algo mais profundo acontecendo. Pela primeira vez, tornou-se possível olhar retrospectivamente para minha própria formação e reconhecer que aquele percurso não possuía apenas uma dimensão individual. A universidade que participara da constituição de meu olhar antropológico tornava-se o lugar onde eu próprio passava a participar da formação de novos pesquisadores.

Essa experiência modificou também minha compreensão da interiorização das Ciências Sociais. Durante muito tempo, esse processo foi interpretado principalmente a partir da criação de cursos, da expansão do ensino superior e da ampliação do acesso às universidades públicas. Todos esses aspectos permanecem fundamentais. Entretanto, a trajetória aqui narrada evidencia outra dimensão desse movimento: a interiorização das Ciências Sociais também produziu circulação de pesquisadores. Formados em universidades públicas do interior, muitos estudantes seguiram para programas de pós-graduação em diferentes regiões do país, ampliaram seus horizontes teóricos e

metodológicos e, posteriormente, retornaram às instituições de origem, fortalecendo localmente a pesquisa, a extensão e a formação de novas gerações de cientistas sociais.

Esse movimento ultrapassa a dimensão administrativa da expansão universitária. Ele constitui igualmente um processo de circulação da própria antropologia brasileira.

Ao regressar à Universidade Estadual Vale do Acaraú, compreendi que minha trajetória não representava um caso isolado. Ela integrava um projeto coletivo mais amplo, responsável por transformar universidades situadas fora dos grandes centros em espaços efetivos de produção de conhecimento.

A história dos vinte e cinco anos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú pode certamente ser narrada por seus currículos, projetos pedagógicos, grupos de pesquisa ou indicadores institucionais. Pode também ser narrada pelas trajetórias intelectuais que ajudou a produzir.

Este ensaio procura contribuir para essa segunda narrativa, mostrando como uma universidade pública do interior participou da constituição de um pesquisador em antropologia e, ao fazê-lo, integrou um processo mais amplo de renovação das Ciências Sociais brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando comecei a escrever este texto, imaginava estar produzindo um breve ensaio sobre minha formação acadêmica. Ao longo da escrita, entretanto, compreendi que seu verdadeiro objeto era outro.

O artigo não trata apenas da trajetória de um pesquisador, mas das condições que a tornaram possível. Essa mudança de perspectiva redefine a pergunta formulada no título: como se fabrica um antropólogo? A resposta não cabe em um percurso individual; ela depende do encontro entre instituições, professores, colegas, interlocutores, experiências de campo, leituras e diferentes formas de aprender a olhar para o mundo.

Ao revisitar minhas primeiras pesquisas, tornou-se evidente que a Universidade Estadual Vale do Acaraú ocupou lugar decisivo nesse processo. Foi nela que aprendi a formular problemas antropológicos, realizei minhas primeiras entrevistas, entrei pela primeira vez em um terreiro como pesquisador, descobri a observação participante e compreendi que as cidades do interior nordestino também constituíam espaços legítimos para a produção de conhecimento antropológico.

Recife e São Paulo ampliaram esse horizonte, oferecendo novos campos, novos interlocutores e outras tradições intelectuais. O retorno à Universidade Estadual Vale do Acaraú, agora como professor efetivo, permitiu compreender retrospectivamente a coerência desse percurso. A instituição que havia participado da minha formação tornava-se, também, o lugar onde passei a contribuir para a formação de novas gerações de cientistas sociais.

Talvez essa seja uma das contribuições mais importantes da interiorização das Ciências Sociais no Brasil. Ela não apenas ampliou o acesso ao ensino superior; tornou possível a constituição de pesquisadores capazes de produzir conhecimento a partir de seus próprios contextos de experiência, fazendo do interior não apenas objeto de investigação, mas lugar legítimo de elaboração antropológica.

Hoje compreendo que a maior herança recebida da antropologia não foi um conjunto de conceitos ou procedimentos metodológicos, embora ambos permaneçam indispensáveis. O que ela produziu foi uma maneira de habitar o mundo.

Aprendi que compreender exige escutar antes de explicar; que o estranhamento constitui uma condição do conhecimento; que nenhuma experiência humana pode ser reduzida às categorias do senso comum; e que o trabalho de campo transforma não apenas aquilo que sabemos sobre os outros, mas também aquilo que passamos a saber sobre nós mesmos.

Os objetos de pesquisa mudaram, os campos tornaram-se outros e novas referências teóricas foram incorporadas. Permaneceram, contudo, certas perguntas. Se este ensaio possui algum sentido para além da memória aqui compartilhada, espero que ele sugira às novas gerações que hoje ingressam no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú que uma trajetória intelectual talvez seja definida menos pelos temas que investiga do que pelas perguntas que decide acompanhar ao longo da vida.

Mais importante do que encontrar rapidamente um objeto de pesquisa é descobrir quais perguntas merecem acompanhar uma vida inteira. Talvez seja essa, afinal, uma das formas possíveis de compreender como se fabrica um antropólogo

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília, DF: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Sobre o pensamento antropológico**. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**: e outros ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira. Lugares e práticas da prostituição no município de Sobral. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 3., 2001, Sobral. **Anais [...]**. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2001a. p. 139.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira. Mulheres de posto: fim de linha na atividade prostitutiva? In: ENCONTRO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 7., 2001, Recife. **Anais [...]**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001b. p. 50.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira. No trilho das travas: entre o arco-íris e as trevas. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 4., 2002, Sobral. **Anais [...]**. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2002. p. 50.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira. **A Pomba-Gira no imaginário das prostitutas**. 2006. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2006.

SANTOS, Francisco Gleidson Vieira. “**A gente vive assim, mas a gente precisa de uma luz**”: as experiências religiosas das prostitutas que batalham na Praça do Diário, Recife-PE. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.